

Economia - Brasil

“O pacote era necessário”

Stefan Radovicz



Para Fishlow, seu ex-aluno Pedro Malan tomou as medidas certas

SÔNIA ARARIPE

“O Brasil sofreu sim um ataque especulativo, mas tomou as medidas certas. O pacote pode ser impopular e até gerar um pouco de recessão e mais desemprego. Mas era mais do que necessário. Quem sabe agora não seja hora de ter o aval formal do Fundo Monetário Internacional (FMI). Isto não tem nada a ver com a soberania de um país. Se tudo der certo, dentro de uns seis meses, no máximo, o resultado final mais do que compensará os sacrifícios de hoje”.

Esta é a análise feita pelo economista americano Albert Fishlow, 61 anos, que foi professor do ministro da Fazenda, Pedro Malan e de outros integrantes da equipe econômica, como Demóstenes Madureira do Pinho Neto, sem falar dos economistas Andréa Calabi e Edmar Bacha, na Universidade de Berkeley, na Califórnia.

Em entrevista exclusiva ao **JORNAL DO BRASIL**, o professor Fishlow – que hoje vive em Nova Iorque e trabalha como consultor do *Council on Foreign Relations* – analisou o conturbado cenário econômico internacional; os erros e acertos do governo de Fer-

nando Henrique; e ainda sobre uma de suas paixões, a necessidade urgente do que chama de revolução da política educacional de países em desenvolvimento, como o Brasil.

A equipe econômica não poderia ter conseguido um garoto-propaganda melhor. Nas poucas horas que passou por aqui – desembarcou pela manhã no Rio de Janeiro para participar do 17º Encontro Nacional de Comércio Exterior e, no início da tarde, embarcou para um encontro com economistas do mundo todo no Chile –, Albert Fishlow mostrou-se entusiasmado com os rumos da economia brasileira.

Sua palestra na Enaex foi muito aplaudida, principalmente quando o professor americano falou que os brasileiros precisam, urgentemente, enfrentar os problemas sociais gerados com uma das piores distribuições de renda do mundo, como a da África do Sul.

Sempre muito risonho, sem fugir de qualquer assunto, o brasileiro falou também sobre um tema bastante explosivo nos últimos dias: se o Brasil deve ou não recorrer ao FMI. Acompanhe a seguir os principais trechos da entrevista.

AS OPINIÕES DO BRASILIANISTA SOBRE A CRISE

ATAQUE - “Está mais do que claro que o Brasil sofreu sim um ataque especulativo. Esta é uma crise mundial, um ataque generalizado.

JAPÃO - “Acho que o Japão agora está tomando as medidas necessárias. Pela primeira vez decidiu fazer algo no setor financeiro, que é um dos maiores no mundo. E isto impactou na economia global.

OTIMISTA - “Não estou apreensivo ou otimista. Aguardo o resultado sobre a reestruturação do Japão.

XADREZ - “Este é um jogo de xadrez internacional. O problema é que já se tem uma ligação direta entre os mercados financeiros. Isto é a realidade da globalização.

FMI - “É preciso examinar, sem emoção, a ajuda que o FMI poderia dar. Com um aval e, se fosse preciso, com ajuda financeira. Nos anos 70 e 80 foi muito mais fácil resolver as crises. Agora, com o voo de bilhões

de dólares de um lado para o outro, é muito mais difícil. E o Fundo não é nenhum bicho-papão. Nem acho que afete a soberania nacional. Este não é mais um problema do país A ou B, mas do mundo todo.”

ESPECULADORES - “Não há como imaginar que será possível frear a ação dos megaespeculadores internacionais. Criar limites, estabelecer barreiras é bobagem. Acho que deveríamos é tirar proveito deste dinheiro.

DORNBUSCH - “Todos acham sempre que ele tem razão porque antecipou a crise do México de 1994. Mas ele não estava sozinho. Em abril daquele ano eu também escrevi um artigo dizendo que seria preciso desvalorizar o peso mexicano em cerca de 15%. O problema é que depois o Dornbusch (Rudiger Dornbusch, economista alemão especialista em Brasil, América Latina e processos hiperinflacionários) só errou.

CLASSE MÉDIA - “Não gosto da avaliação de que alguém está pagando a conta pelo pacote que a equipe econômica acabou de anunciar. Acho que esta conta será dividida por todos. Em seis meses, se tudo der certo, acredito que o Brasil sairá desta crise muito melhor do que entrou. E, aí, todos poderão tirar proveito de o Plano Real ainda estar firme, forte, sem o descontrole da economia.

AJUSTES - “O Brasil precisava de um ajuste interno nas suas contas públicas. Isto precisava ser feito e a equipe econômica agiu. Mas o Brasil ganha muitos pontos no mercado internacional ao encarar de frente suas fragilidades. No passado vimos planos que não saíram do papel e medidas eleitorais. Mudar agora a política cambial seria apenas camuflar os problemas. E acabaria gerando uma crise muito pior à frente. Quem fala em maxidesvalorização, hoje, faz a aposta errada”

ELEIÇÕES - “O presidente foi corajoso de aceitar estas medidas pouco

antes das eleições. Pensou no país, na estabilidade da economia, do Real, e não na sua reeleição. E isto foi recebido com entusiasmo no exterior.”

VIZINHOS - “O Chile já passou para o outro lado do muro, o México tem tentado fazer o dever de casa. As eleições na Argentina mostraram que, independente do partido, já estava traçado o rumo da economia. E o Brasil também está nessa mesma corrida, atrás de México e Peru, mas empatado com a Argentina.

EDUCAÇÃO - “Precisamos resolver o problema educacional brasileiro. A crise social, na minha opinião, é uma consequência desta defasagem. A começar pelo ensino básico. Mas é preciso repensar alguns tabus. Os alunos ricos estão todos nas faculdades oficiais. E os pobres querem estudar lá, mas não conseguem. Acredito que o esquema de bolsas para eles poderia ser uma solução: quem pode deveria pagar a conta da universidade dos quem não têm condições.”